

# O MACABÊ-A-BÁ: prenúncios sobre o objeto

*Nuno Machado*<sup>47</sup>

“Qual o peso da luz?” pergunta Lispector (1998, p. 86). Quanto vale sua verdade? E quanto vale o objeto, para quem busca escrevê-lo incessantemente, mas sem sucesso? No presente texto, busco apresentar aproximações de conceitos psicanalíticos com a novela *A hora da estrela*, da autora Clarice Lispector (1998), com um enfoque no drama neurótico do sujeito de situar o objeto *a*, causa de desejo, na linguagem, em uma busca do fulgor de seu desejo.

Longe de tratar-se aqui de uma síntese sobre o que configura o objeto, também não é uma resposta sobre o desejo de escrita de Lispector, e tampouco constitui-se uma tentativa de leitura de aspecto clínico acerca dela. É um prenúncio, entretanto, através da acusação direta de uma congruência entre a escrita de Lispector e as acepções freudianas e lacanianas acerca do objeto do desejo e daquilo que pode ser dito, mas cujo ponto final nunca pode ser colocado.

Nesse sentido, entendo o objeto do desejo a partir do giro que Lacan propõe em seu ensino. A partir da posição de Freud (2014) de que a angústia surgiria pelo perigo da perda de um objeto amado ou desejado, Lacan (2005) propõe, pelo estudo da angústia, que esse objeto não existe. Não haveria objeto do de-

---

47 Estudante de Graduação em Psicologia (UFBA).

sejo, somente o objeto que causa o desejo por sua ausência, o objeto *a*, resto decorrente da divisão que sofre o sujeito ao entrar no campo da linguagem. Não se pode dizer tudo com a linguagem, então algo sempre escapa o dito, devido à condição estrutural desse objeto de ser inapreensível nela, por mais que se tente simbolizá-lo ou até imaginá-lo, pois também não possui imagem especular.

Todavia, o sujeito não se satisfaz com essa perda. Seria próprio da linguagem a tentativa de captação daquilo que lhe escapa, mas sem nunca obter êxito (VASCONCELOS; PENA, 2019), algo que pode ser demonstrado através do próprio movimento pulsional. A pulsão, ao ter que dar uma volta em torno desse objeto *a* em seu impulso, e retornar, sem poder alcançá-lo, mostra como o desejo se realiza a partir do contorno desse vazio e dessa falta inerente (LACAN, 1985a). E, quando essa falta ameaça faltar ao sujeito, nos deparamos com a angústia (LACAN, 2005).

Acerca da angústia, pode-se dizer que ela é um afeto que se desprende de sua representação original, tornando-se incapaz de ser retomada no campo das representações de palavras (FREUD, 2014). Em linha semelhante, Lacan (2005) retomará esse conceito através de seus registros, localizando-a no real, devido à impossibilidade de sua inserção no campo simbólico. Para ele, a angústia seria um sinal da iminência do objeto *a* que, ao surgir no corpo, representaria que a hiância de seu lugar vazio poderá vir a ser tamponada, interrompendo a dimensão desejante e subjetiva. Para haver desejo, em suma, seria imprescindível o circuito que busque rodar ao redor desse lugar vazio, dando-lhe nome e permitindo, assim, a construção de algo que situe seu limite no campo da linguagem.

E, a angústia, como nos traz, “deve ser definida como o que não engana, precisamente na medida em que todo e qualquer objeto lhe escapa. A certeza da angústia é fundamentada, não ambígua” (p. 240). Sem esse lugar vazio, a angústia desvelaria a verdade do desejo, trazendo uma certeza antecipada para o sujeito, ao esbarrar-se no limite do uso da linguagem, que sinalizaria a dimensão do real, do gozo e do desamparo. Porém, ao mesmo tempo que enquadraria o desaparecimento subsequente do sujeito, a angústia, situada entre um gozo mítico e o desejo, permitiria também um tempo lógico para posterior surgimento deste último, evidenciando a possibilidade de um momento de elaboração acerca dele (LACAN, 2005).

Dadas essas considerações, podemos nos perguntar então: qual vazio há para Macabéa, um ser que não sabe ser sujeito, só objeto, conformada com a vida a ponto de dizer que “já que sou, o jeito é ser” (LISPECTOR, 1998, p. 34)? Para Rodrigo SM, o narrador da história, cuja inquietação pela vida de Macabéa o leva a falar sobre ela, aguardando a chance que terá para vê-la aparecer como sujeito? E até para a própria autora, cujo texto parece lhe constituir tanto quanto ela o escreve. E, justamente, o que se faz com esse vazio?

## **I EU NÃO POSSO FAZER NADA**

O enredo de *A hora da estrela* (1998) consiste em uma sequência rápida de eventos, algo ironizado pela autora, que lamenta sua estrutura ser tão pobre quanto a vida de sua personagem principal. No entanto, não o diz por si mesma; Lispector cria um nome para si pelo qual pode dizer o que quer, Rodrigo SM, narrador da história. Ao se deparar com a incompletude e

falta de empenho de Macabéa, desperta-se nele uma ânsia, a partir da qual começa a falar sobre ela. Na história, pelo que parece, Macabéa não aparece como sujeito ou como dona de sua própria vida, pois segue aceitando as coisas como elas são, sem se impor em qualquer momento, só consegue se agarrar a pequenos fatos de si, como que é “datilógrafa, virgem e que gosta de coca-cola” (p. 36). Que nem o objeto perdido, não especular, ela prescinde de reflexo: “Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem algum. Sumira por acaso a sua existência física?” (p. 25). Nem ela mesmo consegue definir o que ela é e aceita a realidade de sua existência sem questionamento: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (p. 27). Ela é de fato, como Rodrigo SM nos diz, “objeto-coisa” (p. 17).

Então, o narrador tenta pôr no texto esse objeto-coisa, cuja falta lhe perturba, pois sem palavra, sem reflexo, ela segue sua vida sem propósito, sendo como um cadáver, o resto de um acidente ou choque fatal, que nunca é bem significado por ninguém. Lacan nos diz “o cadáver também é um real” (LACAN, 2008, p. 287), mostrando a proximidade que Macabéa, em vida, tem desse registro inassimilável pela linguagem, o real. Ao longo da narrativa, há três encontros marcantes de Macabéa que trazem essa dimensão: com Olímpico, seu “namorado” que não suporta sua ingenuidade; com Madama Carlota, a cartomante que lhe mostra seu destino, conferindo uma história para a moça; e com o carro, que a atropela ao fim. Esse último, um verdadeiro encontro com o real, sendo quase que o motivo que dá força ao desenrolar dos eventos por culminar numa mudança para Macabéa. Afinal, a própria morte de Macabéa acaba por torná-la sujeito. Em seus últimos momentos, se vê nascer, podendo gritar

e sentir o que não sentira antes, nem que seja no instante de sua morte, que, pelo menos, a marca no mundo. Será isto que buscare Rodrigo SM?

Retomando sua inquietação, percebe-se que, desde o momento de início da novela, Rodrigo SM é quase que impelido a escrever sobre Macabéa; por mais insignificante que sua vida seja, ela ainda lhe provoca algo. Será que poderíamos dizer que sua presença o angustia à guisa da presença do objeto? Embora não seja o objeto em si, parece que Macabéa, em seu fracasso inerente de entrar no mundo dos homens, virgem como o puro signo, opera tal qual o objeto *a* ao ser causa de desejo, perturbando o narrador a ponto de ter que escrevê-la, nem que de forma bruta e imediata, para “narrar os fatos”. Sob essa obrigação, ele tenta assim contornar esse vazio de resposta que Macabéa lhe deixa, a exemplo de um oleiro que constrói seu vaso ao redor de um nada, de um furo, criando pelo simbólico uma inscrição pelo decalque significante de sua forma.

Essa criação do oleiro sendo feita na tentativa de apreender-se a Coisa, entendida como o objeto primordial perdido, antes de ser significado, que deve ser reencontrado, mas nunca é, se assemelhando ao objeto *a* pela necessidade que provoca no sujeito de circundar o nada. Embora diferenciem-se ao longo da articulação lacaniana, estão sendo tomados em comparação por pertencerem ao real e elicitarem o movimento desejante de construir borda em torno de si (LACAN, 1988, 1985a). Consequentemente, se Macabéa é “objeto-coisa” para Rodrigo SM, por não aparecer como sujeito, mais certo seria chamá-la de objeto-Coisa, pois em sua função de objeto que causa o desejo do narrador, propõe esse mesmo movimento.

E, se Rodrigo SM nos diz que “Pensar é um ato. Sentir

é um fato.” (LISPECTOR, 1998, p. 11) e que “fatos são palavras ditas pelo mundo” (p. 71), seu papel de “narrar os fatos” torna-se quase uma tentativa própria de dar lugar a algo que só pode ser sentido dentro de seu ser, mas que é inexplicável, como o objeto. Resgatando a noção de que a angústia, provocada pela presença do objeto, só pode ser sentida no corpo (LACAN, 2005), pensa-se que essas “palavras ditas pelo mundo” não se referem a algo da ordem simbólica, e sim a algo do real, que embora não possa ser pensado, ainda é sentido dentro de si.

## II UMA SENSAÇÃO DE PERDA

“Vejo que escrevo alguém e além de mim” (p. 72) conta o narrador sobre seu texto. Frase que, no contexto da formulação lacaniana acerca do desejo ser situado “alguém e além” do que é dito (LACAN, 2016), pensamos que *A hora da estrela* é, em certos momentos, uma questão sobre o desejo, sobre sua causa, e sobre o real.

Como o real é aquilo que “não cessa de não se escrever” (LACAN, 1985b), vemos que parte do que motiva a escrita do narrador sobre a novela, assim como sua relutância, pode ser encarado como uma tentativa constante e malsucedida de dar um nome para a personagem. Sua pré-história, que revela que nasceu sem nome, traz essa dificuldade de saber, de modo concreto, o que é Macabéa nesse mundo dos homens.

Desse modo, Macabéa parece presentificar a essência inassimilável do objeto através de seu ser, sua falta em ser sujeito. Ela não se encaixa em nada: mal sabe comer, não se enxerga em uma classe social, não sabe o que escreve em seu trabalho de datilógrafa. Por não tomar uma posição subjetiva, permanecendo alheia a seu desejo, ela traz uma inquietação ao narrador

que, a cada tentativa de trazê-la para uma luz de ação subjetiva, se depara com o quanto ela não cabe, o quanto ela nunca é bem significadora em sua história, o quanto mantém sua face de objeto-causa. Que lugar teria essa personagem que, em sua face de causa, traz o real para quem a vê? Talvez seja isso que motive o autor a construir um enredo centrado em sua morte. Pois, que escrita melhor para cercar a Coisa que a da morte?

Assim, o clímax da história consiste na ida de Macabéa para Madama Carlota, uma cartomante que lhe diz que seu futuro a espera, com a promessa de um homem loiro, quase que anunciando o início de sua vida. No passo em que lhe anuncia um futuro, no entanto, também a mortifica, se levamos a sério a célebre frase de Lacan (1998): “O símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo” (p. 320).

Se Macabéa, que é tão Coisa para Rodrigo, recebe essa palavra em que se edificará o seu desejo, a palavra a mata simultaneamente, já que não resta Coisa, tampouco resta a Macabéa que antes era. Antes de sua morte teatral, ela já morre ao não ser mais Coisa, restando algo que tenta bordejar essa falta no pouco tempo que lhe sobra. Poder-se-ia até dizer que se torna sujeito nesse momento, pois se torna desejante com a queda da Coisa. E, através dessas mortes, Macabéa se equipara à figura de Antígona.

Dita como uma que ficou “entre-duas-mortes”, Antígona, em seu mito, teve que escolher entre seguir seu dever perante os deuses ou seguir seu dever perante a lei. De um lado, morreria antecipadamente, do outro, viveria agindo contrariamente ao que acredita, sendo efetivamente uma morte simbólica. Logo, teve que escolher entre essas “duas mortes”, um intervalo que é onde aparece seu desejo (FURTADO, 2013; LACAN, 1988).

Que nem Antígona, Macabéa vive o drama do desejo ao vê-lo surgir nesse “entre-duas-mortes”. Longe de ser um dilema para ela, seu “entre” se inscreve no próprio intervalo de tempo de suas duas mortes, ou seja, Macabéa só realmente aparece como sujeito entre sua morte simbólica, ao ser morta enquanto Coisa, ganhando um nome, e sua morte real, que a segue ao ser atropelada por um homem loiro, curiosamente, um dos significantes de seu destino. Esse breve ínterim, ironicamente, é quando há uma Macabéa que deseja.

Através da escrita de suas mortes, Rodrigo SM parece tentar situar o objeto na linguagem, a custo de perder a Macabéa, cuja morte tem que ser experienciada mais de uma vez para apreender o inapreensível. Finda Macabéa, não há mais o que ser dito, acaba-se a história. Com ela, é também o fim de Rodrigo SM, pois era só um nome que Lispector utilizou-se para tecer um conto sobre a essência desse objeto. Como Macabéa, datilógrafa, Lispector atua pelo texto como “textiladora”, uma tecelã pelo texto da dor e angústia que move esse narrador a circundar mais e mais o objeto no real, construindo uma rede potente de significantes, mas que nem por isso captam esse afeto que sempre escapa.

Nesse intuito, ela parece se perguntar sobre o objeto ao longo da novela, cuja resposta sempre parece decepcioná-la, afinal, “qual é o peso da luz”? Contudo, essa decepção faz o texto seguir, até que não sobre mais ninguém que possa narrar dos fatos, pois também se perde Rodrigo SM com o fim da história, sua própria morte simbólica concretizando-se pelo final do texto. Ao fim, de certo modo, cada um desses nomes cumpre algo que permite colocar esse vazio em algum lugar. Macabéa nasce com a perda da Coisa, abrindo-se para a dimensão do desejo e



morrendo em seguida; Rodrigo SM a mata e utiliza-se da morte como uma tentativa de escrever esse objeto; e Clarice termina seu texto, circundando o vazio em seu texto como um oleiro faria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o que foi apresentado, pode-se perceber como o enredo de *A hora da estrela*, em sua dimensão textual, revela uma narrativa contundente com a constituição do objeto *a* e a realidade do desejo, como são vistas na teoria psicanalítica. O enfoque dado à movimentação da escrita ao longo do texto, tanto pelo narrador quanto pela autora, foi feito no intuito de produzir uma leitura psicanalítica que fugisse dos moldes de enquadramento da personagem em um caso clínico. Dessa forma, ao partir de uma produção literária, foi possível apontar as diferentes dimensões em que surge o desejo.

De mesmo modo, embora a obra apresente outros pontos de aproximação com a psicanálise, foram elencados esses conceitos por tratar-se somente de um prenúncio acerca da extensão verdadeira da ponte entre psicanálise e literatura, sendo um possível ponto de partida para posterior discussão de suas contribuições. Com isso, as aproximações entre a obra de Clarice Lispector e as noções desenvolvidas por Freud e Lacan constituem um campo rico para a elaboração dos conceitos psicanalíticos e para a pesquisa acerca do papel do objeto e do desejo na escrita e na produção textual como um todo.

## REFERÊNCIAS:

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia**. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 13-123.

FURTADO, Dimas Barreira. **Antígona e a ética da psicanálise: notas sobre o Seminário 7. Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 65, 2013. p. 31-38, jul. 2013

LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16: De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VASCONCELOS, Ana Carolina Peck; PENA, Breno Ferreira.  
**Angústia: o afeto que não engana.** *Reverso*, Belo Horizonte, v. 41, n.  
78, 2019. p. 27-34, dez. 2019.